

DAS COISAS QUE SÃO VISTAS EM ISOLAMENTO

OF THE THINGS THAT ARE SEEN IN ISOLATION

RICARDO LUIS SILVA²⁷

RESUMO O artigo apresentado aqui é um ensaio visual, uma outra forma de falar e pesquisar. Escrever por imagens, pesquisar por imagens, pensar por imagens. Fazer imagens. Num momento nunca antes presenciado pela nossa geração, estar em estado suspenso, isolados em uma quarentena aparentemente longa demais, sem contato com o “outro urbano”, distantes dos dissensos constitutivos da vida urbana, nossa sociedade se vê sem perspectivas. Sem perspectivas visuais, por estar confinado em um espaço diminuto e interior, e também sem perspectivas de futuro, do depois, dos planos e desejos do porvir. O ensaio “escrito” aqui é uma tentativa de sedimentar e manter revelado – talvez numa tentativa de fazer história – nosso cotidiano durante a pandemia do COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: Alteridade Urbana; COVID-19; Intersubjetividade; Cotidiano

ABSTRACT *The article presented here is a visual essay, another way of talking and searching. Write by images, research by images, think by images. Make images. At a time never before witnessed by our generation, being in a suspended state, isolated in a quarantine apparently too long, without contact with the “other”, far from the dissenting aspects of urban life, our society finds itself without perspectives. Without visual perspectives, for being confined in a small and interior space, and also without perspectives of the future, of the after, of the plans and desires of the tomorrow. The “written” essay here is an attempt to sediment and keep revealed - perhaps in an attempt to make history - our daily lives during the COVID-19 pandemic in Brazil.*

Keywords: *Urban Otherness; COVID-19; Intersubjectivity; Everyday life*

COLETAR E REGISTRAR O COTIDIANO

Sou um colecionador. Sou um fazedor de listas. Coleções e listas de coisas. Coisas que eu olho, coisas que me olham, me interpelam, me constituem. Mas sou também um caminhante urbano... a Cidade como lugar de olhar no olho do outro, de constituir-se a partir do olhar do outro.

Um dia o escritor francês Georges Perec (1999) me falou: Faça listas. Catalogue o ordinário que está a sua volta. Dê razão existencial ao cotidiano que constitui nossas vidas. Anote o que não se percebe, o que não têm sentido perceber. Colecione.

Assumo a postura benjaminiana do Colecionador. Colecionar e catalogar o mundo das coisas cotidianas, ordinárias. Preciosas banalidades cotidianas sem a menor qualidade. Coisas que passam despercebidas pelos olhos que vêm ver o mundo, a Cidade. “Num mundo que está bem adiantado em seu caminho para tornar-se um vasto garimpo a céu aberto, o colecionador se transforma em alguém engajado num consciencioso trabalho de salvamento”. (SONTAG, 2004, p. 91)

Como conceito, colecionar é parte integrante de formulações humanas como a Memória, a transformação das palavras em linguagem, o desenvolvimento e aproximação da criança com o mundo. Colecionar é ato de rememoração, produção do conhecimento

²⁷ Doutor em Arquitetura, Estética e Metrópole pelo Mackenzie. E-mail: ricardo.lsilva@sp.senac.br

histórico, descontextualização de objetos no espaço e no tempo. Coleccionar é reivindicar para si a possibilidade de possuir o mundo, mesmo apenas uma parte insignificante dele, ou até me relacionar com o Outro, no caso de coleções de objetos antigos ou encontrados e recolhidos. Coleccionar é catalogar, inventariar, organizar, descontextualizar, ressignificar, recriar, reexistir. Coleccionar é “desinvestir” o objeto de seu sentido utilitário, é dar-lhe outro lugar no mundo dos objetos. Coleccionar é ativar gavetas, arcas, baús, caixas. Coleccionar é caminhar, frustrar-se, insatisfazer-se, continuar. Coleccionar é um gesto filosófico, um portar-se perante, um exercício de memória prenhe de porvir, um olhar para o passado e para o futuro simultaneamente.

Por isso coleciono coisas e faço listas.

Listas de coisas que encontro enquanto caminho/habito a Cidade.

SÃO PAULO, MARÇO DE 2020

Mas subitamente nos deparamos com uma pandemia sanitária global! O COVID-19 chega ao Brasil e escolhemos, como forma de tentar “achatar a curva”, a quarentena e o isolamento social, o #ficaemcasa.

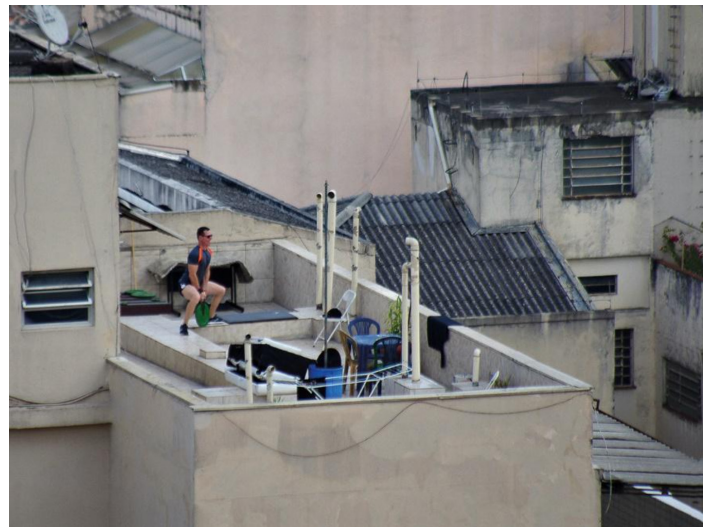
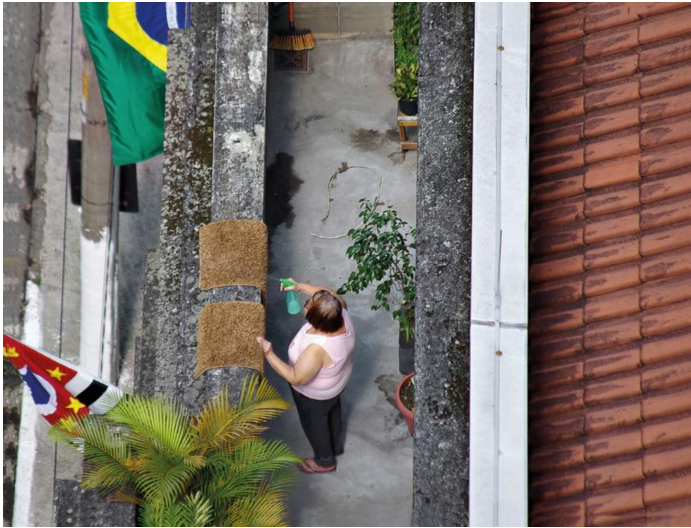
Com isso, o necessário distanciamento social temporário (que parece se prolongar ainda por bastante tempo) nos coloca em suspensão. Perde-se momentaneamente a potência do olhar do outro. Estamos isolados fazendo nosso cotidiano citadino na esfera doméstica. Perdemos drasticamente o contato com a rua, com a imprevisibilidade do espaço público, com o encontro com o desconhecido. Somos apartados do necessário choque urbano das subjetividades, das exterioridades, do fora. De repente, tudo ficou “dentro”. E, felizmente, minha condição de professor universitário permitiu o tal do “home office”, levando também esse “fora” para “dentro”. Acentua-se ainda mais essa ruptura com a Cidade.

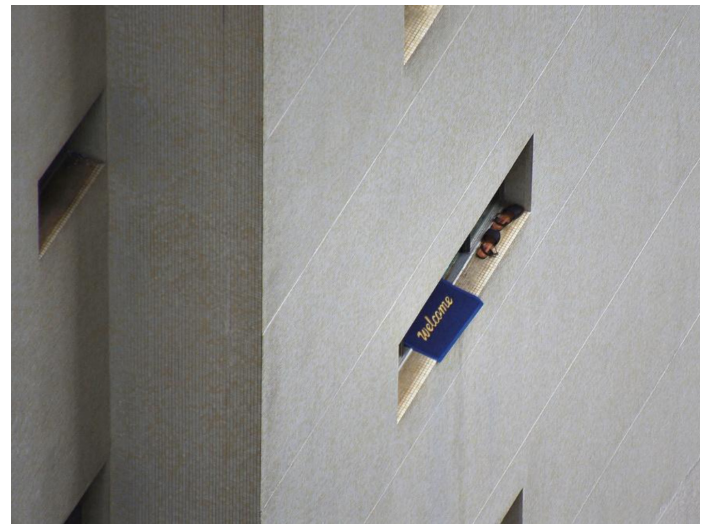
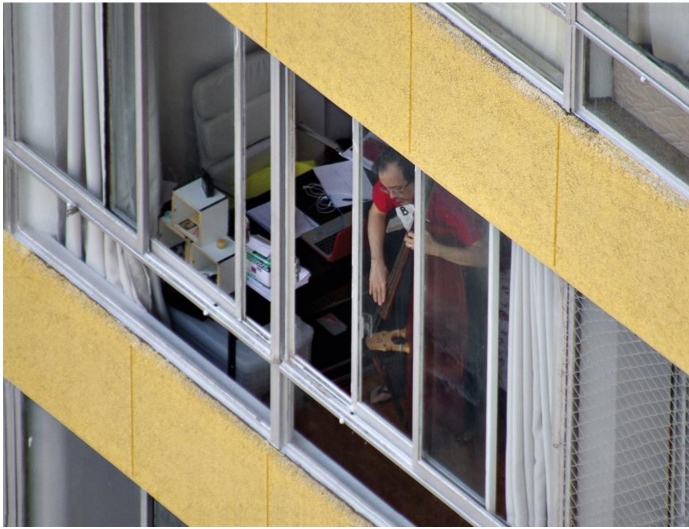
Descolado da Cidade, um corpo em isolamento.

E, em isolamento, olhando pela janela da sala do pequeno apartamento, avisto a cidade e, nela, não mais os outros, mas suas janelas. Troca-se o olhar no olho do outro (KEHL, 2015) pelo olhar na janela do outro. O olho não seria a janela da alma? Pois bem... aparece aí, novamente, em suspensão, uma possibilidade. Uma possibilidade de retomar os afeitos constituintes típicos do espaço da Cidade. Me debruço sobre essa nova possibilidade e me reconheço no outro pela janela, dele e minha. Mas então seria afinal: janela ou espelho? Uma perspectiva do mundo que está ali fora, transformado em registro, documento? Ou um reflexo de mim mesmo, um reconhecimento, um autorretrato?

Miro, isolado, e registro esse novo cotidiano. Anoto o cotidiano do outro, que também é meu. Faço novamente uma lista, isolada, das coisas que são vistas em isolamento.







REFERÊNCIAS

KEHL, M. R. Olhar no olho do outro. In *PISEAGRAMA: passeio*. Belo Horizonte: Piseagrama, v. 01 n. 07, jan. 2015. (p. 22-31).

PEREC, G. *Especie de espacios*. Barcelona: Montesinos, 1999.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.